

QUINTA SEM MUROS

Pequeno preâmbulo elucidativo de certas demoras no reagir

EU, como escrevo da província, ando sempre um bocado retardado dos noticiários. Não porque os jornais me não cheguem apenas com 24 horas de atraso — o que não é muito —, mas porque comibinei com o José de Freitas, que é o organizador desta feira mandar os artigos que exponho com quase uma semana de antecendência. Como se trata de bugigangas e não de hortaliça que envelhece ou vivo a que se tenha de dar de comer tanto faz.

De resto a gente na aldeia, perde a mania da velocidade. Daquela dúzia e meia de mortos e quase um cento de feridos que ficam pelas estradas por semana (número estatisticamente tão glorioso na Europa como as vitórias

CRÓNICA SEMANAL DE ANTÓNIO PEDRO

de Benfica) quase tudo e gente da cidade com pressa de lá voltar, quando sai depressa de lá. Labregos são quase só os das bicicletas motorizadas, que não passam dos 50 à hora, embora se esborrhachem também nesse andamento moderado, pois os pobres e os provincianos também têm direito à morte.

Deixemos, no entanto, este caminho de considerações que já não têm nada que ver com aquilo de que me apeteceia falar e vamos ao que, ou importa ou não, mas estava nos planos deste pequeno preâmbulo anunciado em subtítulo

Cruzam-se mais ou menos no correio o meu artigo publicado numa semana e a prosa que mando para ser publicada na outra. Isto explica que não faça agora nenhuma espécie de referência às reacções possivelmente provocadas pela minha crónica anterior (em que se falava duma estátua proposta para a praça do Areeiro) e só agora me refira aos prémios de teatro que a crítica distribuiu já no passado dia 8, o que, com a vertiginosa velocidade em que corre a vida de hoje (e aqui está uma frase que não parece nada dum labrego!), quer dizer que foi há quase um século.

Onde, a propósito dos prémios de teatro, se faz à crítica uma pergunta

Não tenho, como se verificará, nenhuma queixa recalcada a fazer da crítica dos jornais de Lisboa. Quando concedeu, pela primeira vez, o prémio de encenação, deu-mo a mim. Aconteceu, de resto, ao S. N. I., quando também inaugurou essa recompensa, ter sido eu o seu primeiro beneficiado. E é com certeza porque sou um encenador muito laureado que ando quase

(Continua na 5.ª pág.)

QUINTA SEM MUROS

(Continuação da 1.ª pág.)

sempre a laurear pela provincia... por não ter nada que fazer nos palcos de Lisboa.

Entre parêntesis, e fugindo novamente à matéria já tão diluída desta crónica, quer isto dizer que, embora não haja nenhuma série de fitas americanas a comprová-lo, o prémio, como o crime, é coisa que não compensa. E é natural que assim seja. Dar um prémio significa pôr a cabecinha dum sujeito um pouco acima do nível da maioria. Tal posição dá logo jeito, a uma data de preopinantes, para tomar como alvo essa cabecinha «sobressaliente» e lhe arriar uma cacheirada. Fica bem e dá mais nas vistas do que arriar num desconhecido...

Fechava este comentário aqui o seu parêntesis, se não fosse isto o que vai acontecer, não tarda nada, à Marianinha e ao Rui de Carvalho, dois belíssimos actores, e ao jovem galã João Lourenço, que é, de facto, uma revelação.

Antes que isso aconteça, daqui lhes mando, aos três, um caloroso e afectuoso abraço de parabéns. Aos três, não. Qualquer dos três já sabe que, se dependesse de mim, já há muito que os haveria premiado. Os meus parabéns são para o júri, porque acertou na escolha. E porque acertou, atrevo-me a perguntar-lhe da minha pouquidade:

— Então o Augusto de Figueiredo e a sua encenação da «Alfama», com jus a uma menção honrosa num festival internacional, não mereciam também um prémio cá na terra? Ou, porque certa peça dum festejado novelista era realmente muito má, não ficava bem aos críticos sublinhá-lo, deixando só sem prémio os originais portugueses que, esses sim, como se viu por ela, atravessaram uma crise muito sensível?

E onde, a propósito desta pergunta, se conta uma história

JÁ que estou a falar de teatro e de crítica, ou a propósito deste falar, veio-me à lembrança o espanto com que o Cardoso Pires me ouviu dizer-lhe, pouco depois de ter publicado «O Render dos Heróis», que a sua narrativa dramática, ou como é que ele lhe chamou, era, de facto, uma peça que me daria muito gosto pôr em cena... se tivesse onde.

— Os críticos dizem-me todos que não! Acho graça a ser você a dizer-me isso

Não se lembra deste diálogo, meu caro Cardoso Pires, ali num bar à beira do Chiado?

Pois assim como a mim me daria gosto, deu gosto ao Fernando Gusmão pô-la em cena com a melhor companhia portuguesa e, pelo que li e pelo que ouvi, pois não tive ainda ocasião de o ir aplaudir, tenho a convicção de que o fez muito bem.

E, belíssimo sinal para provar as qualidades teatrais da peça há mais duas companhias — a profissional do Porto e a dos estudantes amadores do C. I. T. A. C. de Coimbra — que pensam realizá-la também.

Escusado será dizer que em nenhum dos três casos, mais no meu, havia a sombra duma intenção de dizer aos críticos que também lhes acontece, como ao Mussolini, às vezes não terem razão.

ANTÓNIO PEDRO

«Post scriptum»

Telegramas, cartas, sugestões e até envios precoces de dinheiro — meto-me em cada trapalhada! — responderam simpaticamente ao aivite que fiz na minha «quinta» da semana passada: a proposta de se erguer por subscrição pública um monumento nacional em Lisboa a Calouste Gulbenkian, de quem todos nós, portugueses, somos herdeiros.

Já esta crónica estava no jornal quando lhe mandei o crescendo deste «post scriptum». É para dizer apenas aos meus leitores que, pela amostra, talvez o barro que lancel se cole à parede e seja possível criar-se o tal muro da decência que era o erguer desse monumento. Vamos lá a ver...

Fica para a semana o falar no assunto com mais pormenores e mais vagar. Hoje já não cabe. Entretanto espero que me continuem a escrever. Darei depois relação do que forem oferecendo e sugerindo. Só agradeço que não se apressem, por ora, a mandar dinheiro. Tem para isso de se arranjar um tesoureiro e mais uma data de complicações burocráticas que estão por fazer.

Estamos apenas no prólogo do que eu gostaria que fosse um espectáculo nacional de gratidão. Agora é moda, nos teatros, os actores só agradecerem as palmas no fim da peça... Eu não gosto dessa moda. Aos aplausos que recebi como apresentador vou já agradecendo...

O meu carteiro, por ora, ainda não deu sinais de estar aborrecido. Insistam.

Muito obrigado

A. P.